

PAZ - AMOR - TRABALHO

# Boletim Informativo

Associação Cultural Espírita Mudança Interior

<http://acemi.pt>

# Feliz Natal

Dezembro 2017 | Ano 10 | Número 120

# Conto de Natal

António Soares

Certo homem, já velho, viu chegar o Natal, e pôs-se a pensar na melancolia, no desamparo da sua vida. Dos filhos, uns tinham-lhe morrido, outros tinham-no abandonado...Estava só no mundo, com os pés para a cova, e cheio de desilusões, de ingratidões e de pobreza. Entretanto não havia ambições vis nem rancores no seu coração. Tinha saudades. Por esse lento caminho da vida, hoje ermo de afectos, algumas consolações tivera a sua alma. Recordava-se, às vezes com os olhos orvalhados, postos no horizonte esfumado do dia triste. Agora era um farrapo, que tinha de levar os redemoinhos da morte. À noite (era a nostálgica noite de Consoada) sentiu duas longas lágrimas a molharem-lhe o rosto. Ele mesmo foi fazer um caldo para a ceia. Os piornos ardiam na lareira do casebre esburacado. O velho encolheu-se ao lume, com os olhos muito fitos na labareda avermelhada. Todos estavam, àquela hora, nos lares amoráveis. Ele lembrava-se do riso das crianças, desse amoroso e cândido florir de venturas; avivava-se-lhe o passado, claro e benéfico, cuja árvore do Natal era cheia de estrelas, cantada de esperanças, e agora, há quantos anos, um negro e frio cipreste! Para ali estava, sem uma fala amiga, sem um rosto amado, ouvindo a ventania nos soutos. E pensava que era como esses troncos velhos e partidos, por cima dos quais o enxurro espumava, e onde nunca mais nasceria flor, ou cantaria ave...Fez um exame de consciência: fora bom, fora simples. A mulher morrera-lhe ainda na flor da vida; a filha fugira-lhe para a mãe, quando estava noiva. Antes assim, pensava. A filha era uma santa, e o mundo era ruim...Mais tarde, já trôpego, dois filhos roubaram-no, e nunca mais apareceram. Como ele se lembrava! Fora numa noite como aquela, negra e ventosa. Os dois, quando ele dormia, arrombaram-lhe a arca, e levaram-lhe a meia dúzia de peças que tinha guardadas no escaninho, para algum ano sáfaro, de mais negra fome. Afinal tudo era para os filhos, dizia consigo; os filhos lho levaram...Mas nem roupa lhe deixaram, no inverno impiedoso, para o cobrir. Tinham sido perversos, os filhos que ele tanto amara! Depois começou de entretocar; os braços não podiam; e onde o trabalho mingua, vai crescendo a miséria. Ficou com uma horta, donde comia o caldo, onde colhia uma cesta de fruta. Pouco lhe bastava, afinal. O compadre, a quem ele tanto ajudara, por quem tantos sacrifícios fizera, fora para o Brasil. Por lá acabara, certamente...Estava escorraçado como um cão, pobre como Job. Apesar disso, na consciência não se apagara a claridade que sempre lha iluminara. Ela era semelhante a um suave rio bucólico, cuja transparência deixa ver na areia loira a sombra de um cardume prateado. Ele sentia-se bem naquela miséria, naquele abandono, com essa leveza e essa graça dos que olhando para a vida inteira não têm nunca a desviar os olhos de uma torpeza ou de uma mentira. Curvado sobre as brasas crepitantes, o velho lançou os olhos para o banco chamuscado, que lhe ficava em frente. E de repente ficou extático. O queixo tremia-lhe fortemente. Santo Deus! Que via ele? Era inacreditável! A filha e a mulher, a fiarem nas suas rocas, com um sorriso tão suave, uma serenidade tão bela! Jesus, Jesus, eram elas! Que alegria a sua! O velho estremeceu, o coração bateu-lhe como quando era jovem, balbuciou: - Ó Maria, ó Luisa, vocês vieram?! Elas sorriram-se mais docemente, sempre a fiar nas suas rocas. E o velho, com os olhos pregados nelas, sentia as pálpebras humedecidas de uma felicidade extra- humana. - Ó Maria, ó Luisa!...Assim correram alguns instantes celestes. Ele olhava-as embevecido. Elas resplandeciam, como envoltas num vago luar. Nunca as vira tão lindas, com mais lindo sorriso. E como não falavam, o velho calou-se também num êxtase. Elas continuavam a sorrir, continuavam a fiar. O vento, fora, soprava rijo nos sobros, assobiava. A noite ia passando a uivar, feia e longa; mas as horas voavam para aquele velho embelezado nas visões. As duas já tinham espiado as rocas. À porta ouviram-se três pancadas. Truz, truz, truz! - Quem me procura?! - tartamudeou o velho, como despertando de um sonho imenso. Truz, truz, truz! Arrastou-se trôpego, abriu a porta. As duas tinham desaparecido. Na treva espessa e lúgubre, distinguiu a figura doutro velho de grandes barbas, com uma sacola ao ombro. - Sou eu, compadre, sou eu! - Será possível! Que felicidade! E abraçaram-se, num antigo e comovente abraço. O viandante pousou a sacola, sacudiu a neve do capote, e foi-se aquecer ao lume. - Hás-de vir gelado, Manuel! Vinha, na verdade. Tinha andado muito, a noite estava má, nevava. Mas há quantos anos ele tinha querido vir passar ali o Natal! E contou, ao estalar das raízes secas no lume, naquela paz religiosa e bíblica, a sua crua sorte. Os velhos sentaram-se um em frente do outro. Enquanto o caminheiro espalmava as mãos sobre o brasido, ia narrando a sua vida dura, por terras longínquas e ásperas, à busca de fortuna. Trabalhara muito, sofrera muito. E sempre, através de tormentos, a saudade do seu velho amigo lhe aparecia

... A vida tinha-lhe ensinado muitas coisas; mas sobretudo que a felicidade está dentro de nós, vive connosco, e que todo aquele que semeia o bem, há-de colher o bem... O outro escuta-o silencioso, com a vista húmida. - Acredita que toda a minha pena, compadre, era não poder abraçar-te! - E eu julgava que tu, por tão longe, nunca mais te lembrarias... - Pode lá esquecer quem é santo, compadre! E contou que na volta, mar alto, começou, em pleno dia, a escurecer o céu. A maruja adivinhara a tormenta. Amainaram as velas, fecharam escotilhas, preveniram tudo. Minutos depois o vento rugia, o mar bramia. O navio dançava nos abismos revoltos, fulgentes de relâmpagos. Andaram perdidos, com o leme despedaçado, na água brava. Tiveram fome e sede - e a tempestade a jogar com eles, como um grão de areia. Nos lábios das crianças, das mulheres, de todos, abria a flor divina de uma oração. E a dele pedia a Deus que o deixasse vir à sua terra, para ver ainda o seu velho companheiro sem arrimo. - E Deus ouviu-me. Aqui estou. O velho atçou o braseiro, deitou mais lenha ao fogo. O viajante ergueu-se, abriu a sacola, e foi tirando, para cima da masseira velha e carunchosa, as vitualhas que trazia, as ameixas, as passas, uma garrafa de vinho loiro. - Não me esqueci da ceia, compadre. - Assim vejo, Manuel. Deus to pague! E cearam, como tantos anos antes, quando na aldeia havia alegria e fartura. Foram conversando, pela noite dentro, com a alma abrindo numa inflorescência misteriosa. Depois o viandante perguntou por todos, por tudo. E vieram as tristezas, as recordações pungentes: os filhos maus, a filha amada, a mulher morta!... De novo o velho olhou para o banco da lareira, e manteve-se estático, com os olhos iluminados. - Que tens compadre? - Olha, estão ali! - Ah!... - disse o outro, sem surpresa, olhando em torno. - Também vieram, Manuel, também vieram!... De feito, o velho lá via de novo as duas, sorrindo-lhe angelicamente, cheias de graça. Uma trança de lírios luminosos tocava-as, o mesmo luar de há pouco as envolvia, como se emergissem, pálidas, de um grande sonho místico. - A Maria, a Luísa, tão lindas!... - balbuciou o velho. O viandante respondeu simplesmente: - Os que se amam nunca nos abandonam. Estão dentro de nós, vivem connosco. O velho nem comia, enlevado nas aparições suaves. Via os cabelos loiros da filha, o seu ar virgem e esbelto; a mulher, como no dia em que partira, com os fundos olhos tristes, a boca airosa, onde jamais houvera o veneno da mentira. - Vê tu que de mais longe vieram elas fazer-te companhia; não fui eu só, compadre. A cara do viandante estava aureolada agora de uma irradiação magnética. Seguiu-se um diálogo de velhos que padeceram, que nobremente souberam amar, e que em certa hora suprema dizem, num murmúrio de almas, as suas confissões. Parábolas que lembram o mar, lembram as estrelas... Belas e tristes como sepulcros, onde puseram flores, à lua cheia. É a lenda dos homens - sombras vagas, que uma luz vaga para sempre desfaz... - Agora, compadre, vamos descansar. Venho quebrado de fadiga. Dormiremos juntos. - Pois sim, eu não tenho outra enxerga. As visões tinham fugido. E os dois adormeceram, noite alta, quando um galo cantava, como arauto da luz. Mas de madrugada, quando pelas frestas entrava um fulgor dourado, o velho perguntou: - Onde estás, compadre? Ninguém respondeu. Uma grande paz enchia a casa. O velho procurou com os olhos, sentou-se na cama. Ninguém! Apenas na enxerga e no travesseiro de estopa ficara resplandecendo docemente a figura do compadre, como se fosse um brilho de nebulosas... O velho ergueu-se, rezou de mãos postas. O dia de festa alvoreceu sem nuvens. Um sol, pálido e terno enchia toda a terra de ouro. Da horta emperlada de orvalho reluzente, o velho veio ainda contemplar longamente a concha do céu mistérios e plácido...

O Natal não é só comprar presentes, não é só a reunião familiar para a noite de consoada, não é só o presépio ou a árvore de Natal, não é só a comemoração do nascimento de Jesus. O Natal é fazer nascer Jesus todos os dias em nossos corações, é o renascer do amor e da esperança, o Natal é a alegria da partilha e da entrega ao próximo, o Natal é ser feliz com a felicidade dos outros, o Natal é ter Deus constantemente em nossos corações, o Natal é renovação permanente, é acreditar que somos capazes de fazer melhor, é acreditar que o amor verdadeiro faz com que tudo se torne mais fácil e realizável.

Um feliz Natal para todos com muito amor, paz e alegria



# Príncipe



**Surgiu sem pré-aviso. Ou melhor, bem que avisou, porque, ainda que à distância, era uma presença perturbadora, sem rosto, sem nome, sem ideologia. E um dia, mesmo nesse sem aviso, com o bramido do mar bravio em fundo, impôs-se. Assim.**

“Sou príncipe. Isso mesmo. Príncipe, o principal. Adequa-se-me e mereço-o. Tenho-vos a meus pés, temerosos, submissos, famintos do meu desdém. É assim que deve ser um príncipe: altivo e desdenhoso para que os súbitos se sintam insignificantes e o deifiquem.”

*“Príncipe das Trevas...”*

“Seja das trevas ou de outra coisa qualquer, importa é ser príncipe. No fundo sou um deus. Dado que há imortalidade, não importa se há Outro ou não; importa que para mim sou um deus e, como tal, tenho a minha coorte e o meu principado e actuo em dois mundos.

Quando fui príncipe da Igreja só exercia poder sobre um mundo, era incompleto; agora, sim, agora é que sou um verdadeiro príncipe, mando nos vivos e mando nos mortos. Condeno uns à vida e levo outros à morte; beneficio uns e truco outros. O deus dos judeus era assim e não menos o adoraram durante milhares de anos - e continua deus e a ser adorado, servido e temido na era dita de todas as luzes e nenhum Outro o castigou ou baniu.

Como ousais afrontar-me? Quem sois vós para me dirigir directamente a palavra? Medi as distâncias, vós que sequer falar sabeis. Não ouseis questionar o meu mando, pois num ápice subtraio-vos à vida e faço-vos escravos de impiedoso senhor. Não mereceis o esforço de nenhum esquadrão do meu exército, mas aconselho-vos a que não me agasteis.

*“E Jesus?”*

“Jesus? Nem sei se existiu, não sei se é apenas uma lenda que ainda perdura e de quem se ouve ainda falar através dos soldados inimigos nas escaramuças que vamos travando. Nunca o vi, por isso duvido. Mas se existe e anda por aí, tenho de comprovar se é também príncipe como afirmas para com ele estabelecer um pacto de não agressão. Os que vêm em nome dele só sabem destruir o que tão laboriosamente construímos.”

*“Vimos em nome dele”*

Vindes em nome dele? Tende juízo. Temei e não o digais; por mim, fingirei que não ouvi o que dissestes. (Sei que ousastes porque não estais sozinhos. Embora não os veja, sei-o bem.) Ainda não percebestes que estais em meus domínios e que aqui mando eu?

Ainda não vos ensinaram que temos meios para vos aprisionar? Esses malditos espíritas que acham que sabem tudo ainda não vos disseram o quão fácil é dominar imprudentes?

Que sabeis vós de hipnose?

*(Pensamos, sem verbalizar, nos microchips implantados no perispírito.)*

“Mais de noventa por cento da população ignora a existência do perispírito; dos restantes, metade terá ouvido falar nos *chips* mas não acredita; a outra metade, se tanto, acredita que sim, mas quantos sabem retirá-los? Estamos tranquilos, porque essa ínfima minoria tem consciência de que se não fizer silêncio sobre o assunto se expõe ao ridículo. Tudo joga a nosso favor.”

Se condeno alguns à vida, é porque há reencarnação. Óbvio. Claro que é condenação, por isso não vou e para isso sou príncipe. E os que vão seguem devidamente programados para servir os nossos interesses e executar as instruções. Se cumprem, quando regressam são promovidos; se não cumprem e regressam (e praticamente todos regressam), sofrem as devidas sanções. Como em todo o lado. Prémios e sanções como em todas as organizações de todo o lado. Onde é que está a dúvida? Há programas, normas, regras; o cumprimento traz prémios, o incumprimento traz sanções. Tudo se resume a isto, não há bem nem há mal. Sejamos pragmáticos.

*“Também estás sujeito à lei de reencarnação e à lei de causa e efeito.”*

“ Prefiro ser príncipe aqui. Tu é que podias começar a pensar nas vantagens que adquirias se te juntasses a nós. Não sejas tão púdico. Há imortalidade e reencarnação, concedo, mas não há garantia de que haja Deus, sendo a moral uma ideia, relativa e inconsequente como todas as ideias.”

*“O sofrimento é uma ideia inconsequente?”*

“O sofrimento? Do mesmo modo que já conheceis técnicas para dominar a dor, também há técnicas que desconheceis para dominar o sofrimento. Não seja por isso, pensa nas vantagens.”

\*

“Há coisas que o vulgo não pode saber. Para que seja feliz, o povo tem que ser mantido na ignorância. Se lhes tirarmos as crenças, as superstições e os divertimentos, que lhes resta? Ficam desorientados, perdidos – uma calamidade. Se lhes retirardes a segurança da alegre ignorância, revoltam-se contra vós. Deixem, pois, o povo em paz, não se cansem nem arranjem inimigos. E nós, como defensores da felicidade do povo e da coesão social, teremos de tomar partido. Não se ponham contra nós, que é melhor para todos. Façam as vossas reuniõezinhas, mas deixem-se estar no segredo iniciático das catacumbas, que aureolais-vos de mistério e santidade e não tresmalhais o rebanho.”

*“O conhecimento da verdade liberta.”*

“A verdade que liberta é a verdade milenar que defendemos. Somos os ungidos do Senhor e não toleramos mais blasfémias contra o Espírito Santo. E proíbo que difundam essa calúnia do veneno. Quem é que escreveu a História?, quem é que soube? Estavas lá?, viste?”

*“Há aqui uma contradição. Começaste por pôr em causa Deus e Jesus e agora socorres-te deles para validar a tua posição.”*

“O papel dos senhores é alimentar crenças e servir-se delas. O tal Jesus não disse que sempre haveria servos e senhores? Portanto, se é da lei natural, que de errado em ser senhor? Se não o é por direito divino, é-o porque foi mais audaz, mais inteligente, mais ambicioso. É-o por mérito. Conduzir o mundo é um desígnio.

*“Toda a tua conduta na Igreja católica configura a violação do «Não invocarás o nome de Deus em vão»”.*

“Sim? Que te incomoda? Quando por lá andaste, como Madre, isso não te incomodava.”

*“Esperava uma resposta mais... filosófica.”*

“Se em nome de Deus podemos chegar onde queremos, porque não fazê-lo? Se as massas têm necessidade de ser lideradas por mão forte, porque não liderá-las com mão forte? E há lá mão mais forte do que aquela que ergue o ceptro de Pedro?”



*“Continua a ser contra o mesmo mandamento.”*

*“Quem fez os mandamentos?”*

*“São leis morais que visam separar o bem do mal.”*

*“O bem e o mal o decido eu. O bem é o que é bom para mim, e o mal é o que é mau para mim. Isso a que chamam amor é mau para mim, quer do ponto de vista filosófico, quer do ponto de vista psicológico. É mesmo uma sensação penosa; logo, é mau.*

*O bem, segundo vós, onde leva? À derrota. Vê, por exemplo, o da Cruz.*

*Podemos morrer, mas nunca de forma passiva. Há de suceder na luta, com raiva e sangue.”*

*“Esse que morreu na Cruz continua vivo.”*

*“Também eu e de mim também se fala. Não sei porque é que ainda não me canonizaram.”*

*“Deus é que santifica, o resto é vaidade humana.”*

*“Importante é o lugar onde nos põem. Se nos põem em lugar alto, vemos e somos vistos; se nos põem em lugar baixo, facilmente nos calcam.”*

*“Quem quiser ser o maior, faça-se o mais pequeno de todos...”*

*“Não creias nisso. Onde te leva? Anda ver meu reino.”*

*“Dar-me-ias um salvo conduto?”*

*“Podemos negociar.*

*Deixais de interferir nos nossos planos e eu deixo-te andar por aqui.”*

*“E não te incomoda que possa fazer um relato do que veja?”*

*“Não passará de ficção.”*

\*

*“Dando como definição de amigo aquele cuja companhia nos dá prazer, não podemos dizer que somos amigos. Mas não me vejas como teu inimigo, porque não o sou.”*

*“Qual o teu intento real?”*

*“Trazer-te para as hostes do Cristo.”*

*“Não gosto de ti e sabes bem disso. Ainda não viste nada. As calmarias anunciam grandes borrascas.”*

*“Terei aquilo de que me puser a jeito e o que Deus permitir.”*

*“Temos o mundo na mão e só tenho pena de não ser eu o governador universal. Ambiciono-o e tenho trabalhado para isso, mas tem havido alguns traidores.”*

*“O único governador é o Cristo e há de reunir todo o rebanho no mesmo aprisco.”*

*“Cala-te!”*

*“Podemos falar dos teus filhos?”*

*“Não.”*

*“Eu estive contigo?”*

*“Traidor! E não penses que vais libertá-lo. Dou cabo de ti.”*

*“Sabes, tu é que precisas de te libertar das amarras do ódio, da maldade gratuita, do desmando. Sob essa púrpura cardinalícia, que só engana tolos, é medonho o que tenta esconder-se. Um dia terás de ver-te ao espelho da verdade e não vais gostar. Adiar esse dia não é solução.”*

*“Vai ser solta a Besta do Apocalipse. Não ficará pedra sobre pedra.”*

*“Também és filho de Deus.”*

*“Não vais servir-te de mim para atingir objectivos teus.”*

*“É assim tão mau o que disseres ser objecto de estudo? E, de caminho, corrigires ou acrescentares dados históricos da tua ultima passagem na Terra. Última no sentido de mais recente.”*

*“Quem disse que essa a que te reportas foi a minha última passagem na Terra?”*

*“É apenas uma presunção minha, sem pretender afirmar nada.”*

*“És inteligente, mas eu não o sou menos.”*

*“Sei que és inteligente, se não fosses não ocupavas a posição que ocupas, mas o problema não é esse, o problema é moral.”*

*“Outra vez a moral. Já te disse, não há bem nem há mal.”*

*“Há quem não acredite em Deus e tenha senso moral elevado. A questão não tem tanto a ver com acreditar ou não acreditar, embora ajude, mas essencialmente com aquilo que se é, com o desenvolvimento espiritual que já se alcançou.”*

*“Atrasados são os que vivem no temor de um deus.”*

*“Diz-se que não acreditavas em Deus. Para quem foi papa é uma situação estranha.”*

*“Deixa-me rir.”*

*“É verdade?”*

*“Tira as tuas conclusões.”*

*“Não te condóis por tanto sofrimento no mundo?”*

*“Porque havia de me condoer? Não dizeis que cada um tem aquilo que merece? Então, se têm aquilo que merecem, não há motivo para me condoer.”*

*“Mas quando te fazes justiceiro arrogas-te uma prerrogativa que não te pertence.”*

*“Ai não pertence? Represento Deus na Terra.”*

*Deus em que não acreditas.”*

*“Mas represento o Deus em que outros acreditam. É como se acreditassem em mim como Deus.”*

*“E és feliz?”*

*“Claro que sou.”*

*“Não acredito.”*

*“Pois não acredites.*

*Há algo que tomas por verdadeiro e te faz feliz. Mas é falso, só que tu não sabes. Enquanto não sabes continuas feliz. A felicidade é feita de ilusões, as ilusões são criações mentais.”*

*“...”*

*“Ficaste sem palavras.”*

*“Ainda não disse que te era intelectualmente superior. Mas, em contrapartida, dirijo-te um pensamento benévolo, coisa de que não és capaz.”*

*“Estou a ficar farto de ti. Pareces uma mulher.”*

*“Alguma coisa contra as mulheres?”*

*“Não têm alma. Existem para servir os homens e procriar.”*

*“Não há existência sem alma. Portanto, como existem, as mulheres têm alma. Mas sabes disso, apenas estás a tentar desviar as atenções.”*

*“Não quero mais conversa.”*

**E, efectivamente, remeteu-se ao silêncio, mas não à inactividade. E, durante um tempo, deu quase livre vazão à sua sanha feroz, através os seus “súbditos”, cumprindo ameaças. Teve de constituir-se um grupo específico para em dia também específico, trabalhar tais entidades.**

**Sensivelmente dois meses e meio depois retomamos o diálogo.**

*“Como não devo dizer o teu nome, doravante designo-te e chamo-te por Príncipe.”*

*“Já te foram aconselhar a que não digas o meu nome? De todas as formas ninguém vai acreditar em ti, ninguém te leva a sério.”*

*“Eu sei que sabes que não é por aqui que eu cedo.”*

*“A tua vulnerabilidade é imensa. Faço contigo o que quiser.”*

*“Pior é o que fazes com todos esses que tens sob o teu domínio. É uma pena que não uses a tua força mental e magnética para o bem.”*

*“Vamos, outra vez, discorrer sobre o bem? Vou repetir: bem é o que é bom para mim. E o que é bom para mim não preciso que mo digas, eu sei o que quero.”*



*“És um grande egoísta.”*

“Deixa que te diga: todos querem alguma coisa e para obter essa coisa que querem dão-se aos maiores esforços. Pensam em si, são egoístas. Portanto, é sempre egoísmo. Diz lá: há egoísmo bom e egoísmo mau?”

*“Tudo me é lícito, mas nem tudo me convém. Importa que na busca da satisfação dos meus interesses respeite os direitos dos demais e, num grau acima, que os meus interesses maiores sejam o bem comum.”*

“Quase me convences.”

*“Pois sim, Príncipe. Mas acredito que um dia isso acontecerá.”*

“Vai acreditando. A imaginação faz a realidade. Os manicómios dos dois lados estão cheios de crenças imaginosas.”

*“Estive aí e vi uma coisa que vou contar.”*

“Não o posso evitar.”

**O Príncipe vive em clausura, rodeado de concubinas. É um antro escurecido pelas emissões mentais dos ocupantes. Incomoda, nauseia a sensualidade, a lascívia que impregna o ambiente. O Príncipe está ali semideitado no que seja o trono, parece que incapaz de se levantar.**

“Porque me chamas? Se queres falar comigo vem até mim.”

*“Não é sensato, nem seguro.”*

“O teu Jesus não te protege?”

*“Sim, mas também recomenda que sejamos inteligentes.”*

“Mas gabas-te que vens cá e já me viste.”

*“Não é gabarolice, reconheço o medo.”*

“Meto-te medo, é?”

*“O medo faz-nos prudentes.”*

“Eu dou-te a prudência.”

continua

# A INVERSÃO DE PRIORIDADES ATRASOU A HUMANIDADE

Arlindo Pinho



Desde á muitos milénios para cá, que a Humanidade vem dando prioridade invertida ao caminho da sua própria evolução, relegando para segundo plano, aquilo que deveria estudar e entender em primeiro lugar. Claro que muito a Humanidade tem avançado, e temos disso as provas, com todas as evidências á vista; comparar a situação da Humanidade de hoje com a de 200 ou 300 anos atrás, deixa-nos frente a um abismo imensurável, no entanto, sabemos que poderíamos estar duas ou três vezes mais evoluídos em todos os aspetos, mas principalmente, nas condições humanas de cada um e de toda a sociedade, mas vamos por partes:

Tudo começa quando nos é apresentado um Deus cruel, castigador, vingativo e guerreiro, tudo coisas que Ele jamais foi, é ou fez. Hoje, passados já vários milénios, sabemos que é precisamente o inverso, embora tenhamos que levar em consideração a época evolutiva em que cada uma das coisas acontece.

Depois disso, e com a mente já bloqueada ao medo, por nos ser assim incutido o Deus, ficamos sem a liberdade de pensar e agir, achando que era Deus que teria que dizer o que fazermos e como fazermos. Começa aí a proliferação daqueles que eram os menos crentes e mais gananciosos que, aproveitando-se da falta de iniciativa e medo, dos outros, passam a trabalhar pelos lucros de bens materiais, explorando e enganando os seus irmãos de caminho, para se tornarem mais fortes, poderosos, mais importantes e mais respeitados na sociedade, que começava assim a dar mais valor aos bens materiais do que aos bens espirituais, este, o único motivo pelo qual viemos á Terra. Desde aí, seguindo sempre e apenas um caminho de preocupação com bens materiais, fomos também desbravando o Planeta e descobrindo coisas que nos davam cada vez mais e melhores condições materiais, continuando, é claro, a ficar com mais, quem já mais tinha; passamos a educar nossos filhos apenas com conhecimentos de ordem física, sem nos preocuparmos com quem realmente somos e com o que viemos fazer, mas isso estava já esquecido, salvo algumas exceções, que felizmente, foram ainda a tabua de salvação para que agora se inicie o trabalho no rumo certo.

Dominamos Feras; desbravamos selvas; descobrimos valiosos minerais; descemos às profundezas dos mares; elevamo-nos pelos ares até astros e planetas; tornamos fácil e rápido percorrer distâncias imensas; alcançamos a visão ao infinitamente pequeno através do microscópio e descobrimos vida e seres que não existiam á vista de nossos olhos; conseguimos erradicar muitas doenças que nos levavam á morte do corpo, medicamentos para atenuar ou retirar a dor; descobrimos a eletricidade, e numa evolução maior, chegamos ao campo da eletrónica, á comunicação sem fios, chegando á internet, que hoje nos permite comunicar quase que instantaneamente com qualquer parte da Planeta, vendo e ouvindo o que acontece a muitos milhares de Km quase em tempo real; estudamos e sabemos falar línguas diferentes; conhecemos ciências, filosofias, políticas e várias artes; conseguimos enfrentar forças, situações e dificuldades que muitas vezes nos põem a vida em risco, sem medo, e de tudo isto nos sentimos muito orgulhosos, orgulhosos em demasia diria eu, pois ainda não somos capazes de vencer as coisas mais simples, mas que têm uma relação apenas com cada um, individualmente: vícios vulgares como jogo, bebida alcoólica, tabaco, droga, etc.



Sabemos tanta coisa, dominamos quase tudo na Terra, e não sabemos como ser justos, tolerantes e bons; não sabemos resolver o problema da pobreza no mundo e não sabemos como erradicar em definitivo a doença, o sofrimento e a dor na Terra.

Tudo isto aconteceu, apenas porque invertemos as prioridades da vida na Terra e não trabalhamos para primeiro nos conhecermos a nós mesmos; conquistamos tanto a nível material e não somos capazes de vencer nossas próprias paixões e dominar nossos instintos mais primitivos.

Quando adquirimos uma ferramenta nova e diferente que não conhecemos; quando compramos uma máquina, uma televisão ou qualquer outro aparelho mais sofisticado pela primeira vez, nossa primeira preocupação é aprender como funciona, a maneira mais fácil e correta de lidar com ele e o modo melhor de aproveitar todas as suas capacidades. É este o procedimento correto, e deveria ter sido este o procedimento adotado em relação a nós mesmos como Espíritos que somos, mas também com relação ao nosso corpo, que é a máquina posta á nossa disposição para viver neste plano. Imaginam o progresso imensurável que poderíamos ter alcançado se desde o início nos conhecêssemos, com todas as capacidades que cada um tem, aproveitadas no seu melhor? Se a educação nas escolas tivesse contemplado a exploração e desenvolvimento das capacidades humanas com que cada um foi dotado, sem bloquear os pensamentos a ideias feitas por outros, que apenas nos fazem agir como fantoches, repetindo aquilo que alguém disse ou fez sem nada questionar? Já imaginaram o quanto mais de coisas se teriam descoberto se tivéssemos dado condições aos que têm aptidão para a pesquisa nas várias áreas, utilizando as capacidades que estariam completamente desenvolvidas? Estaríamos sem dúvidas, em algum estado de evolução, que corresponderia talvez, ao ano 3000 ou mais, regulando-nos pelo progresso que alcançamos durante a nossa deslocação no tempo, até hoje, utilizando de nós, apenas algumas ferramentas.

Mas como mais vale tarde que nunca, e como a maioria de nós ainda resiste muito ao conhecimento do espírito, aproveitemos o campo da ciência, que hoje, através da física quântica, já nos trás conhecimentos mais profundos e passemos a trabalha-los para nos conhecermos melhor por dentro, conhecer verdadeiramente o nosso mundo psíquico ou espiritual. E passando a educar nossos filhos com os conhecimentos alcançados, veremos com toda a certeza aparecer a solução para os problemas do mundo, para os quais hoje pensamos não haver solução, e por causa dos quais, todos tememos o futuro dos nossos filhos e netos. Não temos que temer se fizermos o que é correto e que está ao nosso alcance. Eduquemos nossos filhos como seres integrais e não apenas como corpos humanos, e serão eles a encontrar as soluções para resolver com facilidade, os problemas que nos parecem impossíveis e que tanto nos apoquentam.

Que Deus, o Cosmos, as Forças da Natureza, as Forças Superiores, enfim, aquilo que lhe quisermos chamar e em que acreditamos, nos auxiliem nesta tarefa. E ajudarão com toda a certeza, sempre que fizermos a nossa parte, agindo justa e corretamente, fazendo sempre o melhor que estiver ao nosso alcance, em qualquer área a que cada um de nós se encontre ligado.

# Como a reencarnação desapareceu do cristianismo

A. Pinho da Silva

A primeira referência conhecida à reencarnação remonta ao século VII a.C., com o orfismo, antiga religião de mistérios da Grécia. De aí em diante, figuras incontornáveis da cultura ocidental, como Pitágoras (séc. VI a.C.), Platão (séc. V-IV a. C.) Cícero e Virgílio (séc. I a.C.) e Filon de Alexandria (c.20 a.C.– c.50 d.C.) escreveram e ensinaram sobre a reencarnação e, ao que tudo indica, o tema não era mera especulação de intelectuais, mas a expressão escrita de uma crença corrente.

Temos de lembrar, para entendermos o desfecho de negação da reencarnação pelas igrejas cristãs, que associado àquela estava o conceito de união com Deus. O significado deste conceito diz-nos que todos somos filhos de Deus; como tal, a salvação é um processo individual que depende do esforço próprio, sem intermediários, e que a união com Deus é possível, depois do ciclo das reencarnações.

Isto leva-nos já para o Primeiro Concílio de Niceia, em 325, em que é formulado o Credo de Niceia, que afirma a divindade de Jesus como único Filho de Deus. Esta afirmação tem como consequência que sendo a humanidade uma espécie de bastardos e proscritos, não só fica impossibilitada da união com Deus, como a salvação fica dependente de intermediação, neste caso da Igreja. Daí o «fora da Igreja não há salvação». No fundo, a estrutura àquele tempo emergente era mais de natureza política que religiosa e pretendia perpetuar um certo poder – e basta ver o papel que governantes temporais desempenharam nessa mesma estrutura.

Depois de Jesus e antes do concílio atrás referido, surge o neoplatonismo, que foi uma escola greco-romana de filosofia que ensinou a reencarnação e a união com Deus, e surge principalmente Orígenes (c. 185-c. 254), Patriarca da Igreja, figura importante como pensador e divulgador destes conceitos, que só bem casam se um com outro.

Pois bem, tendo pelo meio alguns episódios uns verdadeiros, outros talvez só anedóticos (e cuja descrição aqui não é relevante), o certo é que Justiniano I (486-565), imperador desde 527, em cerca do ano 529 reprime os hereges e os pagãos; com o édito de c. 543 condena os 10 princípios do origenismo; com a Carta de c. 551 dita os 15 anátemas contra o origenismo, e em 553 convoca o Quinto Concílio Geral da Igreja, precisamente para impor como princípio de fé os 15 anátemas, os quais foram a base para a rejeição da reencarnação.

Tem sido dito a aceitado que este foi o concílio em que a Igreja eliminou da sua doutrina a reencarnação (depois do Primeiro Concílio de Niceia este fim era inevitável, era apenas uma questão de tempo); porém, os anátemas contra Orígenes não aparecem nas actas do Concílio. A própria *Enciclopédia Católica* duvida que Orígenes e o origenismo tenham sido realmente excomungados. É que essa era a vontade do imperador mas talvez não fosse a da maioria dos bispos presentes no concílio, e por isso a omissão.

De qualquer modo a Igreja assimilou os anátemas e pô-los em prática. De tal sorte que quando o catarismo (c. 1150 a 1310), doutrina que ensinava a reencarnação e a união com Deus, se tornou uma ameaça incapaz de ser eliminada pela “persuasão” inquisitorial, uma Cruzada de 15.000 cruzados e mercenários durante 20 anos passou a fio de espada todo o Languedoc, com a ordem, diz-se, de matar todos, que «Deus reconheceria os seus».

E foi assim que, de chacina em chacina e de fogueira em fogueira (Giordano Bruno entre outros e como exemplo), a Igreja deixou de ser «luz do mundo e sal da terra». Apesar disso, continuamos com filiação divina e a reencarnar, muitos de nós provavelmente para propagar com dor a verdade que deliberadamente reprimimos. Apesar da tola presunção, ainda não se conseguiu alterar nem deter nenhuma lei natural. Apesar da Igreja, a Boa Nova de Jesus continua perene, luminosa e libertadora.